

REPORTAGEM ESPECIAL

Mais da metade dos 580 adolescentes internados no Estado tem pais separados. A maioria não tem sequer o ensino fundamental completo

PERFIL DO RISCO

PAI AUSENTE E FALTA DE ESCOLA

MAURÍLIO MENDONÇA
mgomes@redgazeta.com.br

Laços familiares frágeis e abandono da escola. Essas são situações frequentes na história de vida dos 580 adolescentes internados em unidades de ressocialização no Espírito Santo por terem cometido alguma infração.

Entre os internos, mais da metade não convive com os pais, sendo criados apenas pela mãe; além disso, 80% largaram os estudos no meio do ensino fundamental, enquanto apenas 2% se matricularam no ensino médio.

Para Alexandre Aranzedo, mestre em Psicologia, esses dados apontam para modelos de famílias em que o risco de envolvimento com crimes é maior. "Famílias nessas condições correm o risco de ver os filhos cometendo atos infracionais, seja porque eles encontram no crime uma forma rápida de ter dinheiro para ajudar em casa, seja para comprar o que desejam", relata.

RENDA

Nos dados apresentados pelo Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases), 74% das famílias têm renda entre um e três salários mínimos. "A pobreza pode ser o fator dominante para deixar o adolescente em situação de risco. Mas torná-la fator exclusivo é reduzir a discussão ao dinheiro", questiona a juíza titular da Vara da Infância

ARREPENDIMENTO

"AO SAIR DAQUI EU VOU DELETAR TUDO QUE ACONTECEU E COMEÇAR UMA NOVA VIDA"

Pedro, 17 anos

Interno da Unis há 1 ano e sete meses



Ele quer deletar o passado

Em 2010, aos 16 anos, ele era pai, chefe do tráfico e acabava de matar uma pessoa. Foi detido e internado na Unidade de Ressocialização de Salvador, na Bahia, há quilômetros da cidade onde nasceu

e viveu. No primeiro semestre do ano passado, depois de quase doze meses de internação, veio transferido para a Unis de Cariacica – a família resolveu se mudar para o Espírito Santo. Hoje, Pedro (nome fictício) se diz mudado. Está com 17 anos, é pai de um filho de 1 ano e oito meses, e só pensa em uma coisa: "Quero sair daqui e construir

uma nova vida". O contato com o filho ele só teve por dois meses, até ser detido. "Matei um cara. Foi para me defender", explica. No tráfico há quatro anos, iniciou em 2007 como aviãozinho, ele foi perdendo o contato com a família e a escola. Quando chegava até a sala de aula preferia fugir. "A guerra da rua ia para dentro da escola.

Não era seguro. Tinha medo de ser morto", diz. E foi na vida de interno que ele resolveu seguir o novo caminho. Voltou a estudar, fez curso de pintor e, nos momentos de lazer, prefere o futebol e o xadrez. "Quero ter um emprego decente. Para quando eu morrer, meu filho ter orgulho de dizer quem foi o pai dele, e o que ele fez", diz Pedro.

e da Adolescência da Serra, Janete Pantaleão.

Ela afirma que decretou mais de cinco mil ações socioeducativas de ato infracional em cinco anos. Em todas os estudantes não têm ensino fundamental completo. "Além disso, nem 10% desses meninos e meninas estão em abrigos, por proteção judicial ou para adoção", diz a juíza.

"Não é porque tem mãe solteira ou pobre que a criança vai errar. O problema está mais atrás: faltam opções de lazer, educação de qualidade e saúde pública. Faltam condições de igualdade", defende Janete.

O pior, segundo ela, acontece com as crianças não educadas, as que acabam vivendo sozinhas o dia inteiro porque o responsável está fora trabalhando ou porque são tantas crianças em casa que não recebem atenção.

"São situações de questionamento social que precisam ser melhor acompanhadas pelo Estado. Porque, no futuro, o problema de um pai pode virar o problema de uma cidade inteira", avalia a juíza.

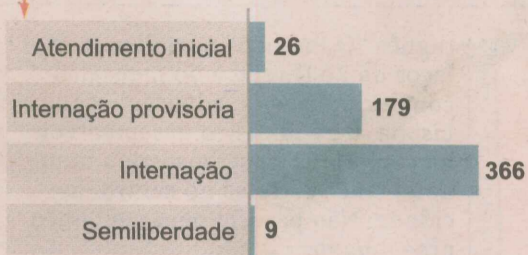
DIFERENÇAS

O psicólogo Alexandre Aranzedo lembra que o crime pode ser um encantamento para qualquer jovem ou adolescente, independentemente da condição social ou escolar.

"Esses contextos são representativos na hora de avaliar se o jovem é mais ou menos vulnerável. Mas e

PERFIL DOS ADOLESCENTES EM UNIDADES DO IASES

De 730 vagas, em 12 unidades, com 580 adolescentes infratores



O ADOLESCENTE
Ato infracional cometido

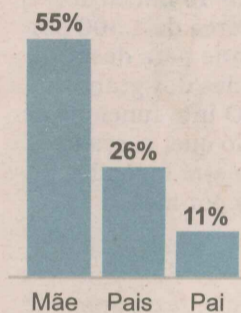


Idade

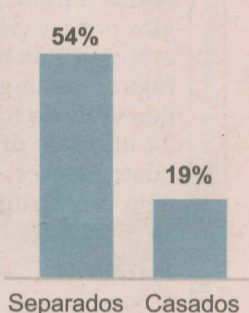


A FAMÍLIA

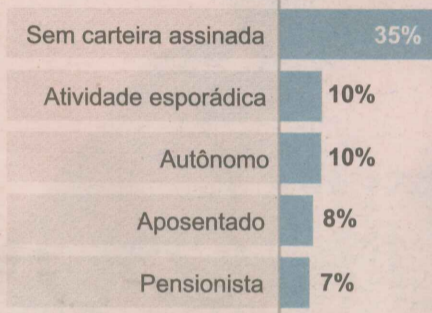
Responsável legal



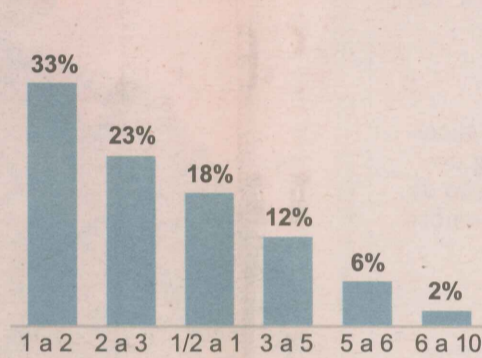
Situação dos pais



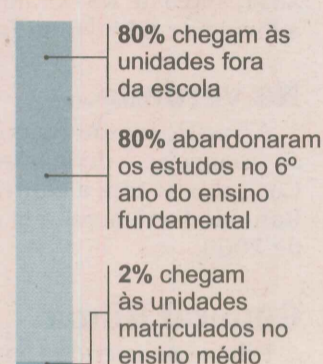
Pais e trabalho



RENDA FAMILIAR
(salários mínimos)



JOVENS E EDUCAÇÃO



AGazeta - Ed. de Arte - Gilson

REALIDADE

100%

dos adolescentes internados pelo Iases estão matriculados na escolarização (EJA).

21

municípios Dos 78, no Estado, têm programas de pena em regime semiaberto.

quando ele é de classe média, matriculado em escola particular, com pai e mãe em casa: onde está o problema? Cada caso merece ser avaliado, porque em cada um haverá um ou mais motivos”, frisa o professor Aranzedo.

Sem contar os diferentes tipos de medidas socioeducativas hoje em dia em que o jovem nem chega a ser internado. “Esses números mostram uma população de internos pobre, sem estudos e de mães solteiras. E a de jovens que cumprem a pena em liberdade? Serão eles os que têm dinheiro para advogados?”, pergunta ele.

ATENDIMENTO

“O problema maior é se sentir excluído, à margem da sociedade. Há famílias que nem têm documentos pessoais nem certidão de nascimento. Como se sentir incluído dessa forma?”,

questiona a chefe do Núcleo de Família do Iases, Maria das Graças Pereira.

Não por menos o Estado vê a necessidade de trabalhar, também, com a família desses jovens para poder ir além das pesquisas. Além de ajudar com a documentação, muitas são incluídas em programas de inclusão social.

“É um estímulo para mostrar aos pais ou responsáveis a necessidade de proteger e de educar. Aprender a cobrar e a dar carinho na hora certa”, defende Maria das Graças.

PODER PÚBLICO

O Estado também se preocupa, hoje, segundo a diretora-presidente do Iases, Silvana Galina, em abrir novas unidades e fazer mais parcerias com os municípios para atender, respeitando à legislação, a quem comete diferentes atos infracionais.

“O roubo e o tráfico, hoje, representam mais de 50% dos atos cometidos pelos adolescentes. E são crimes que, legalmente, não deveriam ser cumpridos dentro de uma unidade de internação, mas em semiliberdade ou em medidas cautelares”, diz Galina.

Por enquanto, o Estado promete subir de uma para oito as casas de semiliberdade e pretende aumentar o número de municípios com programas de medida cautelar: hoje, apenas 21 das 78 cidades têm parcerias com o governo estadual.

CHEGA DE CRIME

“AGORA EU QUERO FICAR MAIS TRANQUILO. SAIR DAQUI E VOLTAR A ESTUDAR, FAZER UM CURSO”

Paulo, 15 anos
Interno da Unis há 4 meses



Ele quer ter a carreira do pai

Paulo tem 15 anos, era dependente químico de maconha e cocaína. Foi detido, pela segunda vez, após cometer um roubo. “Eu e os amigos fomos até Jardim da Penha e pegamos uma bicicleta.

Ela custava R\$ 7 mil, segundo o delegado. A gente ia trocar por qualquer coisa para conseguir maconha”, confessa o jovem. Há quatro meses ele está internado da Unidade de Internação Socioeducativa (Unis), em Cariacica, e se diz arrependido do que fez. “Eu parei aqui porque aprontei. Não estudava mais. Só pensava em maco-

nha, em pó”, diz Paulo. Segundo a avó – que ele tem como mãe – o adolescente roubava de tudo, em casa. “Qualquer coisa que você deixava na mesa ele levava. Eu cuidei dele desde muito novo, com menos de 2 anos. O pai tem outra família e a mãe o abandonou”, diz a avó. Sem a presença dos pais, e preferindo ficar na rua, Paulo perdeu os

limites. Primeiro veio a maconha, depois ele passou para a cocaína. Foi quando tudo desandou. “Os amigos chamavam e eu ia pro roubo”, lembra o jovem. Agora, o adolescente só pensa em liberdade. E, quem sabe, seguir a carreira do pai, técnico de mesa de som, tanto que participou da rádio da Unis. “Não quero voltar para o crime”, frisa ele.